



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/>

Mapeamento afetivo das existências múltiplas

Valéria Scornaienchi[1]

RESUMO: O que seria mapear as existências múltiplas? Como pensar o mundo a partir do ponto de vista de outros seres, visíveis e invisíveis? Como os gestos dos mais diversos seres e entidades do planeta me ajudam a pensar meu trabalho artístico. Proponho um caminhar por esses pensamentos que habitam minha mente e meu corpo enquanto eu desenho, enquanto eu resisto ao mundo contemporâneo e suas intempéries. Meu trabalho artístico acontece a partir do pensamento, dos cadernos e das dobras entre a minha existência e a existência dos múltiplos seres.

PALAVRAS-CHAVE: Existências múltiplas. Mapeamento afetivo. Processo criativo.

Affective mapping of multiple existences

ABSTRACT OU RESUMEN: What would it be to map the multiple existences? How to think from the point of view of other beings, visible and invisible? How the gesture of the most diverse beings and entities of the planet help me think about my artistic work? I propose to walk through these thoughts that inhabit my mind and body while I draw and resist the contemporary world and its interperies. My artistic work happens from thoughts, notebooks, and folds between my existence and the existence of the multiple beings.

KEYWORDS: multiple existences, affective mapping, creative process.



As plantas se comunicam entre si, se ajudam, se entrelaçam, se relacionam. As plantas resistem às intempéries, à ação humana, aos animais. A sobrevivência dos seres da terra e do mar está no acordar da Terra, no despertar. Uma vida desperta a outra. Os sons do silêncio e do ruído intenso e duradouro são iguais. A mente entra no silêncio e entra no som, e desaparece com eles. O corpo vibra com a terra e repousa na água no mar. Flutua na água salgada e se move com a onda. As folhas, galhos e vestígios flutuam no rio. São levados por um gesto água desconhecido e fluido. Gesto caminho. O céu reflete no rio, rebata a paisagem e faz uma dobra no tempo. Dobra simétrica e esmaecida. Gesto dobra de criação invertida. A soma das imagens cria uma terceira onde o céu é o rio e o rio é o céu. Já não se sabe qual é um e qual é outro. Na mata silenciosa a folha grande de uma planta gira. Gesto energia. Outras folhas da mesma planta em lugares diferentes da mata também giram. (Todas as vezes que vejo essa folha girando, apenas uma, sem vento, me faz pensar quantas coisas misteriosas acontecem o tempo todo. Talvez não misteriosas para quem estuda as plantas.) O silêncio da mata é rompido pelo gesto caminho e pelo gesto planta. As raízes crescem dentro e fora da terra. Se entrelaçam em troncos e se espalham entre. No espaço entre, o gesto raiz e o gesto penetrar. Raízes, plantas, folhas, troncos criam entidades de coexistência. Agora são um em simbiose e relação afetiva. Todas as plantas são animais, os animais são minerais, e os minerais são humanos. Metamorfose. As metamorfoses suspendem a existência do eu para criar o nós. Pensamento de somatória. Gesto nós. Se o tempo se instala em nós, o pensamento gira em torno do que é novo ou velho, do que era antes e do que é depois. Mas o tempo pode ser outro tempo. Tempo de planta, tempo de animal, tempo de pedra. Quanto será muito tempo para uma rocha? E para uma borboleta? Quanto tempo será pouco para uma concha? E para o molusco que nasceu na concha? Quanto tempo é muito para um feto na barriga da mãe e para a mãe com o feto na barriga? De que tempo estamos falando? Existe tempo? Não seria pensar o tempo uma forma de tentar observar a experiência de uma existência? Como o vegetal sente o tempo? Será a rega o tempo da planta, a luz do dia ou a noite? Será a voz do humano um fato na existência da planta, um parâmetro de tempo da planta? Gesto tempo. Observar as plantas me leva a pensar nos gestos livres, na expressão de contentamento ou de tristeza diante das intempéries do dia. Uma dobra entre a memória e o esquecimento. Dobra do esquecimento humano, das ausências de chuva, das abelhas extintas, das florestas queimadas, dos tempos obscuros, das mudanças climáticas, muito distantes



das memórias vivas. O rio leva as abelhas que chegam para beber água. Surpreendidas pelas marolas molham suas asas e adormecem à mercê do fluxo do rio. As margens do rio são como o mar. Nelas cabem o vai e vem das águas. Gesto onda sem mar. O som é de mar, mas não é mar. A queda d'água corre na mata, som de cachoeira. Água que desce intensa e quase viva, não fosse o rio represado logo acima. Os pássaros brancos interrompem o verde intenso do entardecer. Sereno voo nada silencioso, com gritos repentinos que rasgam a paisagem. Com os pés na água e as asas em quase voo, para um gesto voo. Rápido e flácido no reflexo das águas mornas de verão. As águas nunca são geladas no verão. Aquecem com o sol e tocam o corpo em maciez afetiva. Um abraço aguado e amoroso. Gesto afeto. Os passarinhos pequenos fazem um som seco e repetitivo. Deslocam rápido entre as plantas e quase desaparecem do olhar. Confundem-se com os galhos, da mesma cor das suas penas. Correm em pequenos saltos e desaparecem no próximo arbusto. Gesto sopro. As aranhas tecem suas teias por entre galhos e folhas. Inauguram o espaço tear de rendas afetivas. Desaparecem, mas os rastros teias constroem grandes paisagens de um tempo estendido de construção. Tempo de uma vida em gesto tear. Também se apossam das telhas, das toras de madeira, e das grandes árvores. De olhos fechados vejo as constelações no céu desenhadas pelo tear. Se o tempo do dia esconde as estrelas, a noite revela as teias no céu. A existência das aranhas cósmicas, de gestos longos e invisíveis. De desenhos espalhados pelo céu. De um liga ponto das estrelas atravessado por nuvens, borrachas do desenho cósmico. Nuvens algodão que carregam o gesto aranha para dentro de si e enovelam a teia não deixando escapar nem mesmo um fio. As nuvens algodão carregam também os aviões, o sol, a lua e as estrelas, tudo some dentro de uma nuvem. Fluida e complexa na capacidade de armazenar, ou simplesmente desaparecer com algo. Faz desaparecer o próprio fundo do céu. Faz da paisagem cósmica um enevoadado de gestos engolidores de sentimentos deixando só o complexo aglomerado de algodão cinza, branco e azul marinho. De lá de cima só se vê a Terra. A terra move no chão, terra viva dos barrancos, solos férteis e campos. Terra momento de gestos escondidos. Não há tempo. Não há forma de ver que traga o gesto terra para dentro de nós. Os múltiplos seres que vivem dentro da terra intersão[2], coexistem na relação invisível de serem pequenos o suficiente para ignorarmos a sua existência. São seres longos, finos, redondos, gelatinosos, escassos de olhos, e de múltiplos cílios. Seres que se deslocam pela pele e por cílios. Seres invisíveis que cantam a voz da terra. Seres sensíveis aos passos, as entranhas das raízes que crescem a olhos nus para eles. Seres que se relacionam no tempo de



sobrevida e nas múltiplas existências na qual se alimentam uns dos outros. Criam escamas, perninhas velozes e se deslocam na terra até chegarem no mar. Flutuam no mar e alimentam as algas, espelhos das árvores no fundo do mar. Morada dos peixes e seres coloridos de pele gelada e gentil que deslizam e seguem na correnteza das águas abertas. Gesto fluido. Algas flutuantes que seguem para as praias, descansam na areia e se multiplicam nos lagos profundos. Coladas nas rochas e nos animais das encostas dos rios sobem as montanhas e árvores. Se misturam ao pólen e alcançam desertos com os ventos. Ventos corridos e gelados do ártico aos trópicos, de Vênus a Marte. Ventos estranhos que correm em humanos que pensam invadir Marte sem nem saber quem são na terra. Ventos perdidos de tempos sublimes. Ventos sonoros. Silenciosos campos de flores. Gesto vento. De gesto em gesto se constrói um mapeamento afetivo dos seres da terra. De gesto em gesto se destroem as existências. De gesto em gesto a esperança do despertar.

Bibliografia

COCCIA, Emanuelle. **A vida das plantas: uma metafísica da mistura**. Trad. Fernando Scheibe. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

COCCIA, Emanuelle. **A vida sensível**. Trad. Diego Cervelin. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, 2010.

WOHLLEBEN, Peter. **A vida secreta das árvores: o que elas sentem e como se comunicam - As descobertas de um mundo oculto**. Trad. Petê Rissati. Rio de Janeiro: Sextante, 2017.

Recebido em: 15/09/2022

Aceito em: 15/10/2022

[1] Artista visual. Email: vms151070@gmail.com

[2] interser – é um conceito concebido pelo monge budista Thich Nhat Hanh como uma proposta na construção de valores que contribuam para uma maior consciência humana da interconexão de todos os seres.